

As últimas tendências em franquias que podem agitar o mercado

Renato Alves (*)

No último ano, a pandemia afetou duramente diversos setores do país, principalmente a saúde, alguns comércios e a educação

Diversas pessoas foram demitidas e com o desemprego em alta, viram no empreendedorismo uma oportunidade de ganhar sua renda e crescer financeiramente. Contudo, muitas se depararam com a dura realidade que é empreender no Brasil.

De acordo com o ranking Doing Business 2020, pesquisa feita pelo Banco Mundial para analisar os países com mais facilidade para fazer negócios, o Brasil ocupa a 124ª posição entre 190 países, mostrando-se um dos mais difíceis para empreender.

Nova Zelândia, Singapura, Hong Kong, Dinamarca, Coreia do Sul e Estados Unidos lideram o ranking, sendo os melhores países do mundo para abrir uma empresa. Mas afinal, o que torna o Brasil um país tão difícil para empreender? Uma das causas é o grande período de cerca de 80 dias com diversas etapas burocráticas para conseguir abrir uma empresa formalizada.

Até mesmo para o microempreendedor a regulamentação não é tão rápida, pois além de se cadastrar como Microempreendedor Individual (MEI), é preciso ter a autorização da prefeitura da cidade para ser oficializado, processo que pode demorar alguns dias dependendo do município.

Os altos impostos também são um empecilho, além dos tributos federais como o COFINS, PIS, CSLL e IRPJ, ainda existem taxas estaduais e municipais que impactam diretamente o fluxo de caixa do empre-

endedor brasileiro. Outro estudo realizado pelo Banco Mundial concluiu que são necessárias 2600 horas trabalhadas por ano para conseguir arcar com toda a tributação do Brasil.

Em comparação com os Estados Unidos, uma das maiores economias do mundo, o processo de abertura de uma empresa é menos burocrático e com carga tributária reduzida. Estima-se que o tempo para ter um negócio regularizado na maioria dos estados é de dois a cinco dias úteis, no mais tardar, 20 dias, dependendo do estado.

A barreira de dificuldades para empreender no Brasil faz com que os empreendedores pensem em internacionalizar seus negócios para, além de terem a chance de lucrar mais, não precisarem passar por tamanha burocracia. Para abrir uma empresa nos Estados Unidos, por exemplo, não é preciso sequer estar em solo americano.

As regras trabalhistas, tributárias e empresariais do país também contribuem bastante para o sucesso do empreendimento. Uma característica importante e diferente do Brasil é que os impostos da empresa são pagos pelos sócios na proporção dos lucros auferidos anualmente.

Se o Brasil não reformular sua política tributária e diminuir a burocracia, vai ficar cada vez mais para trás quando se trata de empreendedorismo, afastando não apenas seus cidadãos a abrirem seus próprios negócios e contribuir para o crescimento do país, mas também distanciando empreendedores de outros países a investirem aqui, se tornando assim um país isolado nos negócios.

(*) - É Diretor de Expansão da Bicalho Consultoria Legal, empresa especializada em migração, internacionalização de negócios e franquias.

Normas ESG incluem LGPD como uma das práticas de Governança

A sigla ESG, que vem do inglês Environmental, Social and Governance, e em português significa Ambiental, Social e Governança, nunca esteve tão em alta e é hoje apontada pelo mercado como uma das principais tendências não só para 2021 como para os anos seguintes

O índice refere-se a boas práticas de conduta aos negócios e também como indicador de critérios para investimentos.

Uma pesquisa desenvolvida pela KPMG apontou que 73% dos CEOs brasileiros entrevistados afirmaram que nos últimos meses, com a chegada da pandemia, ganharam uma importância maior os temas relacionados ao comportamento social e às questões de meio ambiente e sustentabilidade, que são as premissas do ESG.

No entanto, um dos principais índices da sigla que muitas vezes é deixado de lado pode ser o mais simples de ser alcançado pelas empresas, que é a governança.

E mais do que nunca, o conceito precisa ser aprendido e aplicado nas organizações que pretendem manter competitividade e alinhamento com seu público. "Olhar para a governança é essencial, afinal o "G" garante o tecido que incorpora os outros dois pilares. Sem uma boa governança não é possível estruturar um modelo verdadeiramente sustentável e em conformidade com as pautas demandadas pela sociedade", fala



Com a pandemia, ganharam importância maior os temas relacionados ao comportamento social e às questões de meio ambiente e sustentabilidade.

João Drummond, CEO da Crawly, empresa referência em automação de dados no Brasil.

O especialista observa que um dos pontos primordiais em relação à governança é a adequação na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Isso porque os consumidores estão cada vez mais exigentes e atentos para saber se as empresas estão agindo em conformidade com a lei e usando informações confidenciais de forma correta. "O consumidor está puxando essa demanda e as empresas têm um papel social de melhorar a manei-

ra como tratam o cliente. Ou fazem isso, ou o fim da companhia será próximo", fala João.

A LGPD, lei nº 13.709, foi aprovada em agosto de 2018 com o objetivo de promover a proteção aos dados pessoais de todo cidadão que esteja no Brasil, estabelecendo que não importa se a sede de uma organização ou o centro de dados dela estão localizados no Brasil ou no exterior: se há coleta, processamento, armazenamento e outras formas consideradas tratamentos de dados pessoais de pessoas, brasileiras ou não, que estão no território nacio-

nal, a lei deve ser cumprida.

Falando em direitos, é essencial saber que a lei traz várias garantias ao cidadão, que pode solicitar que dados sejam deletados, revogar um consentimento, transferir dados para outro fornecedor de serviços, entre outras ações. E o tratamento dos dados pelas empresas deve ser feito levando em conta alguns quesitos, como finalidade e necessidade, que devem ser previamente acertados e informados ao cidadão. João explica que usar dados sem a autorização prévia de clientes para vender, por exemplo, está na contramão da governança e das aplicabilidades do ESG.

"A contratação de uma empresa que atua no tratamento de dados em acordo com a regulamentação da LGPD pode fazer com que você se adequar aos preceitos do ESG. E mostrar isso para o mercado é muito valioso tanto do ponto de vista de captação de clientes, que passam a optar por empresas em conformidade com o preceito, quanto o mercado, que avalia melhor essas empresas", enfatiza João.

Fonte e outras informações: (www.crawly.com.br).

Como aumentar a segurança cibernética das organizações

Diante de uma série de ataques cibernéticos registrados, é preocupante que companhias e órgãos públicos com vastos ambientes tecnológicos apresentem ainda ambientes vulneráveis. Segundo o Diretor de Cyber Defense da Scunna, Ricardo Dastis, esse cenário chama atenção e explica recentes ataques, roubos e vazamentos de dados, além de paralisação de sistemas e serviços.

Em maio, após a maior rede de gasodutos dos EUA sofrer um dos maiores ataques cibernéticos, paralisando o fluxo de combustíveis, o país declarou estado de emergência. A maior rede de transporte de combustíveis da costa leste dos EUA ficou cinco dias suspensa e só na última semana voltou a operar.

No Brasil, somente nos últimos meses, ataques cibernéticos foram registrados no STJ, no Ministério da Saúde e um ataque sem precedentes ao Tribunal de Justiça do RS interrompeu por quase uma semana o andamento de processos, os quais ainda sofrem dificuldades devido à perda de dados, inclusive de informações de servidores.

Na visão de Dastis, no entanto, as organizações precisam priorizar a questão. "O dia 12 de maio de 2017 foi uma sexta-feira em que muitas empresas pararam. Foi o dia do ransomware WannaCry, vírus criptográfico que infectou mais de 230 mil computadores no mundo, e exigia o pagamento de resgate dos dados em bitcoins.

O que esta lição nos ensinou de lá para cá? Os casos de ataques cibernéticos com o sequestro de dados em grandes organizações só aumentam", alerta Dastis.

Na verdade, ainda prevalece certa resistência em realizar os investimentos necessários para tornar uma organização segura. Todavia, revela Dastis, dados da McAfee, fabricante líder global em tecnologias de segurança e parceira da Scunna, apontam que os prejuízos gerados por cibercriminosos somaram apenas em 2020 mais de US\$ 1 trilhão. Comparado ao último levantamento da companhia, de 2018, o aumento dessa cifra foi maior que 50% em dois anos.

Na maioria das vezes conforme o especialista, as brechas de segurança são geradas por erros humanos com abertura de e-mails maliciosos, vazamento de senhas, utilização de dispositivos comprometidos e falhas no uso de softwares.



As brechas de segurança são geradas por erros humanos com abertura de e-mails maliciosos.

Desse modo, antes de investir pesado em tecnologias de proteção virtual, é preciso fazer o básico, ponto no qual as organizações também estão errando.

Recomendações indispensáveis:

- Revisão dos acessos e senhas administrativas/privilegiadas do ambiente;
- Solução de proteção dos endpoint (incluindo antivírus) de primeira linha a sempre atualizada;
- Gestão de vulnerabilidades de sistemas de uma forma ampla, contemplando infraestrutura e aplicações;
- Padrão de configuração de segurança das estações de trabalho e notebooks;
- Múltiplos fatores de autenticação habilitados para todos os usuários;
- Política e controles de segurança para o acesso remoto/home office;
- Processo de monitoração das mudanças de configurações;
- Backup com testes periódicos, e com estratégia resiliente a episódios de ransomware. - Fonte e outras informações: (https://www.scunna.com/cyber-defense-center-soc/)



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171

Roupa suja se lava no espaço

Vivaldo José Breternitz (*)

Temos algumas necessidades em nossa vida cotidiana que parecem ter soluções já consolidadas; são coisas muito simples, acerca das quais quase nunca refletimos. Uma dessas necessidades é a lavagem de nossas roupas. A primeira lavadora elétrica surgiu em 1908 e, daquela época em diante, o que vimos foram aperfeiçoamentos, das próprias máquinas e dos produtos utilizados na lavagem - nada de totalmente revolucionário apareceu.

Mas a humanidade, na busca de novas fronteiras, acaba exigindo

soluções radicalmente novas para coisas como lavagem de roupas, e às vezes essas soluções demoram muito para surgir, como no caso das roupas usadas pelos astronautas que permanecem por longos períodos na Estação Espacial ISS; desde o ano 2000, pelo menos três astronautas estão sempre a bordo da ISS.

Não há máquinas de lavar na Estação. Atualmente, os astronautas usam uma peça de roupa até ficar muito suja e depois a descartam. As missões regulares de reabastecimento mantêm os

astronautas abastecidos com roupas limpas, mas essa não será uma boa opção em viagens mais longas, como para Marte.

Mas os cientistas estão buscando soluções para esse problema: a NASA e a Procter & Gamble, grande fabricante de produtos de limpeza, estão trabalhando juntas no assunto. A P&G tem a marca Tide de produtos para lavagem de roupa, lançada em 1946 e que domina o mercado mundial, do qual tem uma fatia de 14,3%. Estão em desenvolvimento novos produtos com essa marca, que

serão testados na ISS, buscando lavar roupas com o menor consumo de água possível.

É oportuno lembrar que, na Estação, todos os líquidos, inclusive urina, são tratados de forma a serem reutilizados, inclusive como água potável. A P&G diz estar desenvolvendo produtos totalmente degradáveis, projetados especificamente para uso no espaço e capazes de resolver problemas de mau cheiro, sujeira e remoção de manchas para itens laváveis usados durante missões espaciais de longa duração, ade-

quados para uso em um sistema de água a ser reutilizada.

A P&G também está estudando o desenvolvimento de uma combinação de lavadora e secadora para ser usada nas missões lunares Artemis da NASA e futuras missões a Marte. Talvez essa seja a primeira revolução na tecnologia de lavagem de roupas e que, provavelmente, estará disponível em nossas casas, talvez antes de chegar a Marte.

(*) - Doutor em Ciências pela USP, é professor da Faculdade de Computação e Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie.